

FOSL, P. 2019. *HUME'S SCEPTICISM: PYRRHONIAN AND ACADEMIC*. EDIMBURGO: EDINBURGH UNIVERSITY PRESS.

Alana Boa Morte Café

UFMG / Fapemig
alanabmcafe@gmail.com

Em sua contribuição mais recente, *Hume's scepticism: pyrrhonian and academic*, Peter Fosl defende que David Hume deve ser encarado como um sucessor pleno tanto da tradição acadêmica quanto do pirronismo, o que, aliás, indica-se desde o título. Para tanto, seu trabalho opera em três frentes. A primeira parte do trabalho conta a história do ceticismo antigo e moderno para determinar o que se denomina por ceticismo pirrônico e acadêmico, bem como para circunscrever a obra de Hume em suas influências cétricas; a segunda parte do livro, por sua vez, opera em um registro conceitual, isto é, seus capítulos examinam de que maneira os componentes cétricos definem o projeto humeano. Finalmente, embora não possua uma divisão específica dedicada a ela, o debate com as outras leituras do ceticismo de Hume e dos demais autores é, como não podia deixar de ser, presença constante na introdução e nas duas partes do livro e, portanto, pode ser considerada como uma terceira frente do trabalho.

A propósito dessa terceira frente, a introdução do livro traça um panorama das interpretações do ceticismo de Hume que parte da primeira recepção dos textos do autor até alcançar as leituras realistas que têm cativado a atenção dos comentários nas últimas décadas. Ao longo desse percurso, Fosl mostra que, não obstante o façam a partir de chaves diferentes, as linhas interpretativas tendem a enxergar algum grau de incompatibilidade entre o ceticismo e a dimensão positiva do projeto de Hume. Uma vez assumida a oposição, argumenta Fosl, resta ou limitar o que há de ceticismo para abordar os momentos assertórios ou, ao contrário, preterir os raciocínios positivos de Hume para preservar a radicalidade de sua tendência cétrica. Em suma, Fosl julga que a literatura recorre a estratégias bastante diferentes que, no entanto, assemelham-se conforme todas elas se veem obrigadas a imprimir algum tipo de clivagem para fazer sentido das aparentes contradições na filosofia humeana. Em contrapartida, sua proposta é ler o ceticismo como uma dimensão constitutiva do pensamento de Hume cuja unidade se torna clara justamente da perspectiva cétrica radical que, para Fosl, caracteriza o tratamento humeano de todos os domínios de

CAFÉ, A. B. M. 2020. "Resenha de Fosl, P. 2019. *Hume's scepticism: pyrrhonian and academic*". *Revista Estudos Hum(e)anos*, 8 (1): 163-168

conhecimento. Nisso, será importante entender como Hume pode proceder em um modo de crença inteiramente não-dogmático, mantendo suas opiniões destituídas de qualquer conteúdo metafísico.

Como dito, a primeira parte do livro de Fosl trata da história dos ceticismos antigo e moderno e é formada por quatro capítulos – o ceticismo acadêmico é objeto dos dois primeiros e o pirronismo ocupa os dois últimos capítulos. Começar pela academia parece natural porque o próprio Hume afirma que sua filosofia é uma espécie de ceticismo acadêmico ou mitigado, de modo que a incursão à história dos acadêmicos vem para dar desenvolvimento à filiação declarada nos textos do autor. Dentre os antigos (capítulo 1), Fosl se concentra sobretudo nas divergências entre Clitômaco e Metrodoro, na medida em que as disputas em torno do *pithanon* de Carnéades demarcam as posições doxásticas ou epistêmicas que os acadêmicos tomam em contraste com as posições dogmáticas. Nisso, enquanto Metrodoro é interpretado em um quadro realista, a interpretação de Clitômaco mostra de que maneira os fenômenos podem ser examinados em termos de persuasão sem que o resultado do exame em menos ou mais persuasivo se converta em quaisquer afirmações de conteúdo epistêmico ou metafísico. Na filosofia moderna (capítulo 2), Fosl amplia a caracterização do ceticismo acadêmico, tanto por um levantamento das evidências textuais de Cícero em Hume, quanto pela apresentação de personagens que atuam da história do ceticismo acadêmico no período moderno, como Foucher e Pierre-Daniel Huet, mas também como Mersenne e John Locke. Com isso, Fosl consegue reunir aspectos gerais do ceticismo acadêmico e identificá-los nos raciocínios de Hume: suspensão de tudo o que pareça ultrapassar as capacidades humanas com o reconhecimento das limitações nas investigações, que devem proceder, portanto, com moderação e preservando o princípio de integridade intelectual.

Os capítulos acadêmicos conduzem à leitura dos capítulos dedicados ao pirronismo em pelo menos dois sentidos. Primeiro, a posição atribuída a Clitômaco, que, segundo Fosl, é a que melhor elucida a posição de Hume, é também, dentre as variedades de ceticismo acadêmico, a mais compatível com o ceticismo pirrônico; em segundo lugar, Fosl sugere que Hume aprende com os acadêmicos, em especial, com os acadêmicos modernos, o valor da dissimulação filosófica, que será essencial para a compreensão do que há de pirronismo em Hume. Uma vez que Hume com frequência o reputa como uma variedade excessiva e impossível de ceticismo, os capítulos pirrônicos do trabalho de Fosl encaram o desafio de tratar dos componentes pirrônicos nos textos de Hume contra a palavra de seu próprio autor.

Isso se torna mais controverso porque, embora reconheça que a afinidade entre Hume e o pirronismo possa ser incidental, Fosl argumenta – a partir do que ele denomina de hermenêutica de suspeição – que Hume teve acesso aos textos da tradição pirrônica, foi influenciado de maneira decisiva por eles e que deliberadamente oculta essa influência por uma consideração prudente dos preconceitos de sua audiência leitora contra o pirronismo.

Os capítulos sobre o ceticismo pirrônico seguem, em linhas gerais, a mesma estrutura dos dois primeiros capítulos dedicados ao ceticismo acadêmico. No capítulo do pirronismo antigo (capítulo 3), Fosl trata do arsenal de argumentos que exploram as anomalias das doutrinas filosóficas no intuito de produzir suspensão de juízo quanto a tudo que não seja aparente. Mais importante que o arsenal pirrônico, porém, é a exposição do critério de quatro partes segundo o qual as aparências orientam a conduta pirrônica. Como a proposta de Fosl envolve não confinar o ceticismo pirrônico ao ataque negativo às filosofias dogmáticas, torna-se fundamental aproveitar com cuidado as observações de Sexto Empírico sobre as maneiras de o cético pirrônico orientar-se nas atividades e discursos não-assertórios. Seguindo para os modernos (capítulo 4), Fosl apresenta a história da recepção dos textos de Sexto Empírico e comenta as relações textuais que Hume mantém com figuras modernas nos quais o ceticismo pirrônico aparece como tópico de discussão, como Pierre Bayle, Montaigne, Blaise Pascal e Berkeley. Isso fornece condições para que Fosl estabeleça que evidências biográficas e, principalmente, semelhanças entre a filosofia de Hume e o pirronismo justificam as afirmações de que Hume não só é um leitor instruído de Sexto Empírico, como é também, pela chave da hermenêutica de suspeição, um autor deliberadamente pirrônico. Portanto, a filosofia de Hume é compreendida como um conjunto de relatos que metodizam, sem pretensões epistêmicas ou metafísicas, o que se encontra na experiência cuja configuração, por sua vez, é dada no costume, nas paixões e demais sentimentos, na natureza e nas técnicas humanas.

Encerra-se, com isso, a primeira parte do livro. Para a segunda parte, além dos esquemas gerais que auxiliam a consulta dos aspectos que Fosl atribui a cada uma das vertentes de ceticismo, deve-se manter em vista que o percurso histórico da primeira parte elidiu as diferenças mais acentuadas entre o pirronismo e o ceticismo acadêmico, tomando-os, como resultado, em uma relação de continuidade. Dado que Fosl busca sustentar que Hume é um tipo híbrido e um sucessor pleno das tradições acadêmica e pirrônica, é necessário fazê-las convergir. Nesse sentido, é dito que os exames de persuasão dos acadêmicos não são imbuídos necessariamente de conteúdo assertório e que, por outro lado, sistemas de crenças não-dogmáticas são compatíveis com a suspensão de juízo dos

pirrônicos. O espaço conceitual produzido a partir dessa convergência importa para a segunda parte do livro desde a sua divisão de capítulos: cada qual é nomeado segundo um dos quatro vértices do critério prático do pirronismo, e todos avançam no desenvolvimento daquela formulação associada a Carnéades via Clitômaco. Com os quatro capítulos, segundo a proposta de Fosl, torna-se possível ver que a unidade do projeto filosófico de Hume se revela sob o prisma de seus componentes céticos mais radicais.

Fosl inicia a segunda parte de seu trabalho com a discussão sobre a relação entre natureza e ceticismo (capítulo 5), fundamental devido à oposição típica entre ambos efetuada nas leituras naturalistas de Hume. Sem tomar a natureza como refutação ou antídoto do ceticismo, entende-se que o discurso humeano sobre a natureza é antes uma expressão de seu ceticismo e que, por consequência, as determinações naturais consideradas na filosofia de Hume não se confundem com alguma afirmação que se pretenda apreensiva. Ao avaliar os sentidos que o autor lhe atribui, Fosl conclui que o termo natureza em Hume deve ser interpretado como um índice de necessidade cuja origem é desconhecida e a operação é isenta de garantias metafísicas, mas que habilita a elaboração de padrões explicativos nas aparências, ainda que todo tempo sujeitos a contingências e correções. O tratamento dado ao conceito de natureza leva Hume a subverter a concepção de hábito ou artifício como antítese do domínio instintivo ou natural, o que propicia uma transição fácil para a questão do *ethos* ou do costume (capítulo 6). Fosl destaca então que Hume imprime um caráter histórico ou narrativo em seu modelo de pensamento e, como decorrência, no fazer filosófico. Em outras palavras, uma vez que as ideias que organizam nossa visão de mundo não são inteligíveis senão dentro das condições informadas pelo costume, cabe à filosofia reunir as narrativas que lhes conferem sentido, em um exercício que acontece também afetivamente. Ainda no quadro do costume, Fosl comenta alguns dos raciocínios de Hume sobre política, história e religião: neles, as convenções sociais surgem como a realização da natureza humana cuja adequada investigação reconhece a possibilidade do imprevisto e do erro e, com efeito, nunca deixa de proceder com moderação.

A seguir, Fosl passa ao tópico que tende a concentrar a maior parte da atenção nos estudos sobre o ceticismo humeano, isto é, a bateria de argumentos que Hume dirige destrutivamente contra as filosofias dogmáticas (capítulo 7). Fosl apresenta os argumentos destrutivos de Hume como dispositivos que registram os erros e inconsistências nas formas de dogmatismo para inviabilizar suas pretensões de conhecer o que quer que seja com uma

certeza epistêmica ou metafísica. Mas, uma vez expelida a pretensão dogmática, o registro de anomalias se torna parte integral do discurso filosófico, na medida em que indica o grau de segurança que se deve esperar nas diferentes formas de raciocínio, assim como os objetos para os quais a suspensão do juízo é a atitude recomendável. Caso exemplar da aplicação disso que Fosl chama de tecnologias da dúvida é a abordagem humeana das aparências e suas conclusões sobre o problema do mundo exterior, o que conduz à discussão a respeito das paixões e crenças naturais (capítulo 8) com a qual o livro é encerrado. Fosl recorre então ao papel conferido na filosofia de Hume aos sentimentos e paixões nos processos intelectivos para explicar o que Hume tem a dizer sobre o mundo exterior de uma perspectiva não-dogmática. Nisso, fica claro que aquilo que se denomina de real corresponde aos sistemas de ideias cuja definição é dada esteticamente, e a doutrina filosófica que almeje ir além da maneira de sentir que define a realidade para conhecer seus supostos fundamentos epistêmicos ou metafísicos acaba embaraçada em contradições insuperáveis. Em vez disso, conclui-se que o discurso de Hume permanece delimitado naquilo que lhe aparece: a formação de crenças é investigada segundo elas ocorrem e participam dos fenômenos, o que Fosl equipara aos processos de discriminação de representações em Carnéades, que tampouco implicam em qualquer tipo dogmático de asserção.

A exposição sobre o conceito de crença humeana e sua participação constitutiva nos fenômenos conclui o trabalho de Peter Fosl; para encerrar a resenha, portanto, resta somente acrescentar algumas observações breves e de cunho mais pessoal. O ganho mais significativo no trabalho de Fosl é a aplicação de uma chave de interpretação cética que não se restringe à dimensão negativa ou destrutiva dos argumentos de Hume, o que abre possibilidades de leitura muito interessantes para domínios como a história e a política, que costumam ser menos associados ao ceticismo humeano. Além disso, a adequação entre conteúdo e forma no livro é notável e merece elogios. Paralela à afirmação de que o conhecimento para Hume é historicamente informado, a estrutura o livro em suas duas partes faz com que o quadro conceitual de seu problema dependa das formulações produzidas ao longo da história da filosofia. Ambicioso tanto pelo escopo abrangente quanto pela hipótese original, o trabalho de Peter Fosl é uma contribuição robusta para os estudos sobre o ceticismo de David Hume e para os estudos céticos no geral.

